

RODA MUNDO CIA DE DANÇA: UM PERCURSO DE NORTE A SUL

José Waldir Coral dos Santos¹
waldircoral@hotmail.com

Jussara Janning Xavier²
jussarajxavier@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa investiga a trajetória da Roda Mundo Cia de Dança, fundada em 1987 pelo professor, coreógrafo e diretor mineiro Kidd Souza (1959-2021) na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia. O grupo foi responsável pela formação e desenvolvimento artístico de vários bailarinos, bem como, pela difusão da dança no estado. A pesquisa articula biografia e autobiografia para retratar memórias de experiências vividas tanto pelo autor José Waldir Coral dos Santos quanto por outros participantes da companhia, buscando perceber e gerar significados às histórias de um corpo individual e grupal. Acredita-se que este processo de investigação seguido ao registro e análise de informações de caráter histórico contribui para o conhecimento de uma importante iniciativa no terreno da dança brasileira, com trajetória iniciada no Norte e finda no Sul do país.

Palavras-chave: Roda Mundo Cia de Dança. Dança. Formação Artística. Memórias. História.

ABSTRACT

This research investigates the trajectory of Roda Mundo Cia de Dança, founded in 1987 by the Minas Gerais teacher, choreographer and director Kidd Souza (1959-2021) in the city of Porto Velho, state of Rondônia. The group was responsible for the formation and artistic development of several dancers, as well as for the diffusion of dance in the state. The research articulates biography and autobiography to portray memories of experiences lived both by the author José Waldir Coral dos Santos and by other members of the company, seeking to perceive and generate meanings to the stories of an individual and group body. It is believed that this process of investigation followed by the recording and analysis of historical information contributes to the knowledge of an important initiative in the field of Brazilian dance, with a trajectory beginning in the North and ending in the South of the country.

Key Words: Roda Mundo Cia de Dança. Dance. Artistic Formation. Memories. History

¹ Artista da dança com trinta anos de experiência, diretor/criador da Waldir Coral Cia de Dança atuante em Balneário Camboriú, licenciando em Dança (FURB).

² Pós Doutora em Filosofia (UFSC), Doutora em Teatro (UDESC), Mestre em Artes - Comunicação e Semiótica (PUC/SP), Especialista em Dança Cênica (UDESC). Professora da graduação Licenciatura em Dança, coordenadora e professora da pós-graduação Especialização em Linguagem e Poéticas da Dança, ambas da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora do curso Tecnologia em Produção Cênica na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coorganizadora do acervo digital MídiaTeCa de Dança.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se encontra no campo da biografia por se delimitar a conhecer a história de um grupo de dança e sua trajetória no cenário brasileiro; e da autobiografia por se tratar do grupo no qual o pesquisador José Waldir Coral dos Santos³ iniciou sua trajetória e processo de profissionalização na dança, em consequência, tratando de sua própria história. A relevância da investigação se justifica como forma de registro histórico/artístico de uma companhia de dança brasileira, que durante sua curta existência ajudou a transformar de diversas maneiras e de forma direta a vida de vários jovens de origem carente, impulsionando a construção desses indivíduos como cidadãos, além de artistas.

Com o intuito de facilitar o entendimento, organizou-se o percurso de forma cronológica iniciando no ano de 1987, ano de formação do grupo, a partir da ideia de seu diretor e coreógrafo Kidd Souza, que sentiu a necessidade de criar o coletivo, a princípio, para a divulgação de seu trabalho na cidade e posteriormente como meta de profissionalização.

O período de existência do grupo foi de cinco anos, iniciando em 1987 e terminando no final do ano de 1991, por onde passaram vários bailarinos e que realizaram um grande número de apresentações por todo estado de Rondônia e fora dele.

Durante a organização dos procedimentos obrigatórios junto ao conselho de ética para a realização desta pesquisa, e das entrevistas que serviram como eixo principal para geração de dados, um fato importante ocorreu: o falecimento prematuro de uma das figuras centrais desta pesquisa, o responsável pela criação do grupo, o professor e coreógrafo Kidd Souza, mais uma dentre tantas vítimas do Covid-19, mal que aflige o mundo atualmente. Esse fato inesperado, muito provavelmente, influenciou de maneira importante nas respostas de alguns, se não, de todos os entrevistados na pesquisa.

Ao realizar esta pesquisa buscou-se contribuir para desenhar a história da dança principalmente em dois polos diferentes entre si e opostos geograficamente: Porto Velho/RO no Norte do país, onde foi criado o grupo; Balneário Camboriú/SC na região Sul, cidade na qual o grupo encerrou suas atividades e local de escolha para a continuidade da vida profissional de Waldir Coral, bem como, de outros integrantes da companhia.

A pesquisa apresenta um caráter qualitativo que tem como objetivo reconstruir a trajetória da Roda Mundo Cia de Dança entre os anos de 1987 e 1991, anos de criação e encerramento das atividades do grupo, respectivamente. Para tanto, dá voz aos seus protagonistas, bailarinos, professores e coreógrafos.

³ Doravante será tratado pelo nome artístico: Waldir Coral.

O trabalho recorre a micro-história, problematizando esse tipo de pesquisa, relacionando-a com a macro, na busca por reflexões e na crença da importância na variação de escalas. O texto também se compõe em diálogo com autores que dão suporte conceitual sobre a temática da memória.

Busca-se nesse estudo, que se utiliza da memória e se faz dela dependente, reconstruir dentro do possível um pouco do passado, por meio das lembranças, revivendo-as, atualizando-as, tornando-as outras.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O objeto foco de estudo dessa pesquisa é a Roda Mundo Cia. de Dança, e sua importância como veículo de acesso de seus integrantes à condição de profissional da dança, posto que todos do elenco tinham o sonho em comum de viver dessa arte como bailarinos. A investigação da trajetória vai desde o início de sua formação em 1987, à decisão de mudar para Santa Catarina e o término do grupo em 1991.

A Roda Mundo Cia de Dança foi fundada na cidade de Porto Velho capital do estado de Rondônia em 1987, e manteve-se ativa até 1991 ano de sua extinção. Criada a partir da ideia do diretor, professor e coreógrafo mineiro Kidd Souza⁴ (1959-2021) com o objetivo de divulgar, promover e fomentar a dança no município.

Porto Velho é a terceira cidade mais populosa da região norte, depois de Manaus e Belém as duas primeiras, localiza-se na região norte, que é a maior do país em extensão territorial, com uma área de 3.870.000 km². Consideremos, portanto, a grande dificuldade enfrentada por um grupo que vive nesse contexto, afastado geograficamente dos grandes centros urbanos em uma época sem internet, em que o conhecimento era de difícil acesso e chegava-nos por outrem.

Na tradição oral da dança, e na época sem internet, youtube ou google, os compartilhamentos eram ventanias que nos chegavam sem que soubéssemos por quem e de onde, mas chegavam e contagiavam corpos, movimentos e comportamentos. (VILELA, 2020. p. 7).

Geralmente vinham por meio de professores de dança que tinha mais possibilidades financeiras de buscar esses conhecimentos e compartilhá-los, principalmente com seus alunos, já impregnado de sua corporeidade e subjetividade, mas ainda potentes e capazes de contagiar corpos disponíveis.

Para a construção deste texto recorre-se a abordagem da micro-história, buscando reflexões sobre o método de pesquisa micro analítica, problematizando os sujeitos da pesquisa, na tentativa de

⁴ Professor e coreógrafo desde 1982, estudou Jazz, Dança Moderna e Balé Clássico com profissionais como: Nora Vaz de Melo sua primeira professora; Carlos Leite (1914-1995) mestre de balé clássico e Euzébio Lobo Doutor em artes, que considera seu grande mestre. Sua trajetória é comunicada em sessão específica mais a frente neste trabalho.

reconstruir a trajetória de um grupo social e sua biografia. Sobre a micro história, Karsburg (2015, p. 32) afirma que:

[...] passa por problematizar os sujeitos inserindo-os em distintos contextos e relações sociais, percebendo semelhanças e, principalmente, diferenças. Porém, a micro-história não é só pesquisa. Ela é também uma nova maneira de apresentar os resultados aos leitores, configurando-se num estilo narrativo que busca maior interação com o público.

A abordagem micro problematiza histórias particulares, relacionando-as e não separando-as da macro história, e é nessa variação de escala que se busca os benefícios. Com esta perspectiva, Karsburg (2015, p. 32) provoca: “[...] existe melhor maneira de enxergar a história do que pelo ponto de vista dos que dela participaram?”

O que está em jogo na abordagem micro-histórica é a convicção de que a escolha de uma escala peculiar de observação fica associada a efeitos de conhecimentos específicos e que tal escolha pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento. (REVEL, 2010, p. 438).

Acreditamos na importância do princípio de variação das escalas de observação como forma diferenciada de pensar, considerando que o processo histórico acontece em todos os níveis das dimensões sociais, do micro ao macro. É intenção desta pesquisa investigar detalhes da história do grupo Roda Mundo, falando sobre seus personagens e avaliando sua importância para o desenvolvimento profissional dos seus integrantes, contextualizando época e espaços para entender seu papel e influência no ambiente da dança, em diferentes escalas.

Ao mesmo tempo, há o propósito de tratar da história pessoal de Waldir Coral, principal autor deste texto, na dança. História essa inicialmente ligada ao grupo. Ainda que a companhia tenha encerrado suas atividades há cerca de 30 anos, seu trabalho continua marcado por aquela primeira e importante experiência artística, considerando também que foi a dança deste grupo que motivou sua escolha de ser um bailarino profissional. Para tanto, recorre-se ao referencial teórico com base principal nos autores Pierre Nora, Maria Tereza Santos Cunha e Lilian Feitas Vilela, os quais ajudam a amparar questões acerca da memória.

Pierre Nora (1993), nos mostra que memória e história não são sinônimos. Carregada por grupos vivos a memória está sempre em evolução, sujeita a lembrança e ao esquecimento, susceptível a usos e manipulações. Enquanto a memória tem características coletivas e individualizadas, a história pertence a todos e a ninguém, tem vocação para o universal, nutre-se dos lugares de memórias. A história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais, como operação intelectual demanda análise e discurso crítico.

Para Cunha (2008), assim como museus, medalhas, telas e monumentos, a escrita é lugar de memória, reflexo das mãos sobre qualquer lugar onde possa deixar traços. O registro escrito em suas diversas faces é um ato de produção de memória, conserva experiências vividas, mais é também um ato de invenção, sujeito as subjetividades daquele que a registra. Tem o encargo de manter vivas lembranças e vestígios do passado, salvando-os do esquecimento.

Cunha (2008) adverte que a escrita de memórias está sujeita a vaidade exibicionista. E, ainda, que para alcançar relevância histórica há exigência de reflexão nos critérios de seleção daquilo que é registrado. A memória sujeita-se, pois, ao esquecimento, a incompletude, ao fragmento. Tendo em vista tal ponderação, cabe reconhecer que este trabalho não encerra a história da Roda Mundo Cia de Dança, tampouco a trajetória artística de seus integrantes (incluindo a do autor Waldir Coral) e, menos ainda, a história da dança nas cidades de Porto Velho e Balneário Camboriú. Esta pesquisa nasce e compõe-se, sobretudo, com pedaços de memórias de Waldir Coral e dos entrevistados.

Para Abrahão (2003), as pesquisas autobiográficas são dependentes da memória característica, essencial no auxílio à compreensão de determinado objeto de estudo. Utiliza-se de diversas fontes como as narrativas, fotos, vídeos, história oral, diários, documentos em geral. Neste sentido, sublinha-se também o auxílio de programas de espetáculos, notícias de jornal, fotografias e cartazes como alguns dos materiais disparadores e recuperadores de memórias.

Traçar uma trajetória de um percurso artístico na dança a partir de memórias pessoais misturadas as memórias coletivas da companhia de dança mostrou-se algo complexo, já que mesmo as experiências vividas de forma coletiva mostraram visões bem diferentes. "É fato que um mesmo acontecimento pode ser registrado na memória de duas pessoas presenciais ao momento de forma distinta sem, no entanto, que nenhuma das duas esteja equivocada com seus registros" (VILELA, 2013, p. 23).

Sendo assim, por meio do acesso a um conjunto de memórias relacionadas às vivências individuais, buscou-se a percepção dos significados de uma história própria e da história do outro. Procurou-se verificar como as memórias valorizaram (ou não) o tempo vivido naquele coletivo de dança, os anos de trabalho do corpo, os caminhos e passos das diversas trajetórias que se encontraram num grupo específico de trabalho. Os diálogos que surgiram nesta pesquisa e as informações narradas pelos sujeitos entrevistados atuaram também como forma de produção de memórias, mostrando a importância da produção de estudos biográficos e autobiográficos no campo de historiografia da dança brasileira. Ou seja, quando um artista-corpo-sujeito da pesquisa vive novamente as histórias passadas, memórias são atualizadas e ressignificadas, criando, assim, novas memórias.

A DANÇA ACADÊMICA EM PORTO VELHO NA DÉCADA DE 1980

O cenário artístico em dança da cidade na década de 1980 se resumia, basicamente, a presença e ação de três espaços de dança. Dois eram escolas de dança particulares: a Opus Ballet Studio, academia de dança com foco no ballet clássico; e a Corpore Academia de Dança, local onde o grupo Roda Mundo se formou. O terceiro pertencia a uma instituição pública: era a Escola Municipal de Dança Pró-Arte, que era conhecida simplesmente como Teatro Municipal.

Das três escolas de dança existentes na cidade na década de 1980 e acima citadas, interessa-nos aprofundar as atividades desta última, a Corpore, por ter sediado importantes acontecimentos e, sobretudo, a criação do grupo Roda Mundo, foco deste trabalho. Foi em janeiro de 1987, que Lucileide Charuff (1968), então bailarina e proprietária da Corpore Academia de dança, decidiu fazer um curso de verão em Belo Horizonte (MG) para onde costumava viajar. O local escolhido para o curso foi o Centro de Dança do Grupo Primeiro Ato⁵. Lá, com a ajuda de uma amiga, resolveu colocar um anúncio em um jornal local buscando por um(a) professor(a) de dança, que estivesse interessado em dar aulas em sua recém-criada academia em Porto Velho (RO). Por este meio e no contexto aqui explicitado, chega à cidade o professor e coreógrafo mineiro Kidd Souza, trazendo consigo modalidades como o jazz dance e a dança moderna.

KIDD SOUZA

Kidd Souza⁶ ingressou na dança fazendo aulas de Jazz Dance e Dança Moderna, entre os anos de 1977 e 1978. Tinha dezessete para dezoito anos quando iniciou seus estudos no Ballet Movimento, uma escola recém-criada na capital mineira, então com apenas um ano de existência, por Nora Vaz de Mello. Ela foi sua primeira professora. Em 1978 teve seu primeiro contato com a dança clássica por meio do renomado mestre de balé Carlos Leite⁷ (1914-1995) no Palácio das Artes em Belo Horizonte, estudando nessa instituição entre os anos de 1978 e 1981.

⁵ O Grupo de Dança Primeiro Ato sob a direção de Suely Machado teve início em 1982 e constituiu-se como importante referência artística profissional no campo da dança contemporânea. Em 2013, o grupo foi condecorado com a Ordem de Mérito Cultural pelo Ministério da Cultura pelas relevantes contribuições à cultura brasileira. Além do grupo, há um Centro de Dança, que funciona como escola e desenvolve os Projetos Dançando na Escola e Garimpo das Artes. Mais informações: <https://www.primeiroato.com.br/grupo.php#sobre>. Acesso em: 20 abr. 2021.

⁶As informações sobre Kidd Souza foram obtidas com ele próprio por meio de conversas informais via WhatsApp no período de setembro a dezembro de 2020, onde combinávamos posteriormente uma entrevista, mas que infelizmente não chegou a ocorrer por motivo de seu falecimento.

⁷ Carlos Leite iniciou sua carreira como bailarino no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1935, com Maria Olenewa. Foi solista e primeiro bailarino nesse contexto. Atuou também no Original Ballet Russe e no Balé da Juventude. Transferiu-se para Belo Horizonte em 1948, onde implantou a dança clássica com a criação do Balé Minas Gerais. Mais informações <http://operaeballet.blogspot.com/2020/07/carlos-leite-106-anos-de-um-mestre-da.html>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Conheceu Euzébio Lobo (1952) no Núcleo Artístico em Belo Horizonte no ano de 1981 onde começou a fazer aulas de dança moderna, adaptando-se completamente ao método de Euzébio, o qual considera seu grande mestre. Em 1982 recebe o convite do mestre para juntar-se a ele na escola Primeiro Ato, local que Lobo passaria a dirigir naquele ano. Ali, Kidd permaneceu até 1985 aprimorando-se no estudo da dança moderna. Sobre este momento, ele declara:

Receber o convite para acompanhar Euzébio Lobo na Primeiro Ato foi um momento de grande felicidade na minha carreira de bailarino, não tenho palavras para descrever esse magnífico profissional, aquele que me fez enxergar a dança com olhos verdadeiramente marejados de prazer e que através dos seus ensinamentos tive a certeza de que eu iria navegar pelo mundo da arte da dança, sendo essa minha grande paixão, e seus ensinamentos sempre com extrema exigência e sabedoria, aliados ao seu sutil toque baiano de humor, me faria um profissional melhor e cheio de sonhos.

Recém-chegado a Porto Velho, em 1987, Kidd passou a ministrar aulas para um grupo de alunas já existente na academia Corpore⁸. Já de modo imediato, Kidd começou a preparar um repertório de coreografias para divulgar seu trabalho na cidade com esse grupo de estudantes. Iniciou aí o que, segundo o próprio criador do grupo, veio a ser a primeira formação da Roda Mundo Cia de Dança, apesar de ainda não ter esse nome.

Figura 1: Kidd Souza (a frente), Boy Leones, Bruce Souza, e Thurbo Braga
(atrás, da esquerda à direita)



Fonte: Arquivo pessoal de ex-integrante

Foi ao final de 1988, dois anos depois de sua chegada a Porto Velho, que o professor e coreógrafo mineiro resolveu se afastar da academia Corpore e seguir um caminho independente com o

⁸ Antes de sua vinda à cidade, esse grupo constituía-se somente de pessoas do gênero feminino.

grupo que formara. Neste momento, porém, nem todos os integrantes o acompanharam na nova empreitada e permaneceram na academia. Era início do ano de 1989 quando ele acertou com outro espaço para ministrar suas aulas: a academia Askaro⁹. Ou seja, a Askaro sediou o Grupo Roda Mundo até o final do ano de 1989, quando no mês de dezembro foi realizada a primeira audição para novos integrantes. A partir deste momento, o Grupo Roda Mundo passou a ser chamado de Roda Mundo Cia de Dança. Contudo, já em 1990 Kidd Souza retornou ao espaço da Corpore Academia, desta vez sob a direção da empresária Ju Lauriano.

MINHA ENTRADA NO GRUPO¹⁰

Foi ao assistir ao espetáculo "A evolução do Homem Através dos Tempos" apresentado pela Roda Mundo Cia de Dança que me senti pela primeira vez estimulado a estudar dança, lembro-me do exato momento, começava a coreografia "*Guerra Mundial*", a qual me deixou totalmente hipnotizado, iniciava de forma arrebatadora e me afetava por completo, toda a estesia daquele momento está viva na minha memória ainda nos dias de hoje.

Sobre a memória Nora (1993, p. 9) diz: "Porque é afetiva e mágica a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais e flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções". E ela vive em mim agora nesse presente que se faz, trazendo de volta sensações já vividas, adormecidas até então. Na semana seguinte sai a procura do local onde o grupo ensaiava com o objetivo de dar início às aulas de dança, com a determinação de entrar para o grupo, e dançar aquela coreografia.

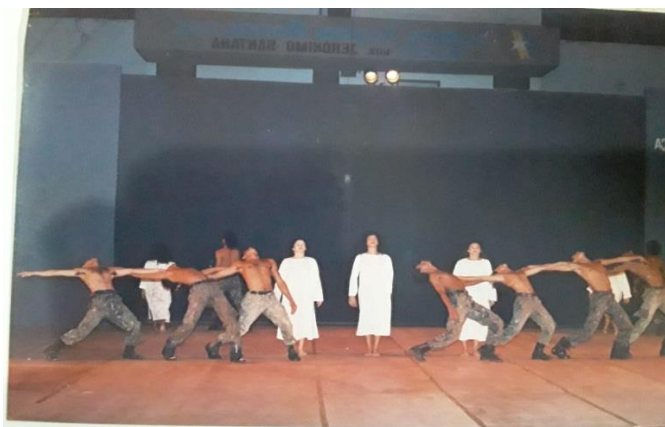
Iniciei, portanto, as aulas de jazz com o professor Kidd Souza, e alguns meses depois aconteceu a audição para novos integrantes da Roda Mundo Companhia de Dança da qual participei e fui aprovado.

A partir de então integrei a companhia de dança como membro ativo, e após um ano e meio estudando dança, abandonei meu emprego de funcionário público estadual, no cargo de assistente administrativo, com oito anos de experiência no funcionalismo público, possibilidades de promoções e um plano de carreira. Abdiqueei de toda uma estabilidade e segurança, para embarcar rumo ao sul do país com a Roda Mundo Cia de Dança, na busca do sonho de viver profissionalmente de dança.

⁹ Este espaço consistiu em apenas uma sala de aula para oferta da dança num edifício da cidade e durou apenas um ano. Por sua breve duração e significação, não foi citado no breve trecho que aborda o contexto da dança de Porto Velho nos anos 1980. A Roda Mundo utilizou esta sala para aulas e ensaios durante um curto período.

¹⁰ Por se tratar da experiência pessoal e testemunho direto de um dos autores do artigo – o pesquisador Waldir Coral, optou-se por apresentar a escrita deste trecho em diante em primeira pessoa.

Figura 2 e 3: Coreografia *Guerra* (1990), Cartaz de divulgação



Fonte: Arquivo pessoal do autor

O CONVITE

No início de janeiro de 1991, depois do festival de encerramento em dezembro de 1990, a empresária Ju Lauriano que era arrendatária da Corpore Academia de Dança, mudou-se para a cidade de Balneário Camboriú, em Santa Catarina, onde fixou residência. O grupo passou então a realizar suas atividades de aulas e ensaios na Academia Athenas, no centro de Porto Velho.

Contudo, a Roda Mundo Cia de Dança vinha passando por um momento de desânimo por parte de alguns de seus membros mais antigos, inclusive com a desistência de algumas bailarinas que preferiram se afastar do grupo e da dança. O abatimento desses artistas, cansados de não terem seus trabalhos reconhecidos, foi levando o grupo a rachas internos. Depois de algumas tentativas de turnê, levando o espetáculo para outros municípios de maneira independente, sem nenhum apoio do poder público ou do setor privado, o resultado foi somente prejuízo, pois os poucos recursos recebidos mal pagavam os gastos. O desalento se abateu sobre todos, reuniões eram realizadas para se decidir o andamento da companhia, com muitas discussões e nenhuma resolução. Foi quando, como se atendendo aos pedidos desesperados por ajuda, Ju Lauriano apareceu com um convite que parecia ser a última alternativa para alguns bailarinos da Roda Mundo Cia de Dança: "Vamos para Santa Catarina"? Quando questionada sobre como surgiu a ideia e o convite para levar o grupo para Santa Catarina, Ju¹¹ respondeu:

Eu mudei para Santa Catarina no começo dos anos 1990 sempre muito ligada a dança, comecei a fazer dança lá, fazer jazz, dança contemporânea, mas não estava dando muito

¹¹ Entrevista concedida por LAURIANO, Juraciara de Lima. Entrevista 1 (abr. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (55.32 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A. Na sequência da pesquisa todas as falas do entrevistado serão identificadas pelo seu sobrenome e ano de entrevista: LAURIANO, 2021.

certo. Não me lembro direito como foi o clique de levar o grupo, mas na época nós queríamos ajudar o Kidd e ajudar aos componentes do grupo a ter mais espaço e mais opções, que a gente sabe que em Porto Velho não dava para crescer ali. Até hoje a pessoa que quiser tem que sair. Eu era casada ainda e meu ex-marido muito incentivador sabia que eu amava dança, que eu amava tudo aquilo, sugeriu "e se a gente trouxer então para cá". Enfim, foi um negócio meio doido, teve muito sacrifício, não foi tão fácil levar todo mundo para lá, todo mundo passou perrengue juntos. Mas eu acredito que foi positivo todo o sufoco, com todo o perrengue que passamos em Balneário, foi melhor que ter ficado lá em Porto Velho. Era um sonho de fazer um grupo que tivesse grande repercussão, não houve esse sucesso como grupo, mas cada um fez o seu caminho de diversas formas e o próprio Kidd também. (LAURIANO, 2021)

O convite veio na melhor hora, pois muito provavelmente se não tivéssemos decidido mudar para Santa Catarina, o grupo não teria continuado ativo ou, pelo menos, não com a maioria do elenco que formava a Roda Mundo no início da década de 1990.

MUDANÇA PARA SANTA CATARINA

Vivendo em Balneário Camboriú há apenas alguns meses, mas já conhecendo o poder turístico da região, Ju Lauriano fazia aulas de dança no único espaço que oferecia a modalidade na cidade naquele momento: a Gaya Athletic Center. Tratava-se de uma academia destinada à prática de atividades físicas como a ginástica, musculação, artes marciais e natação, que oferecia também em seu quadro aulas de dança – balé clássico, jazz e sapateado. O balé era ministrado pela professora Márcia Sabam¹² e as aulas de jazz eram ministradas por uma de suas alunas, Adriana Alcântara¹³. A professora de balé mantinha um grupo de dança formado com seis de suas alunas, as mais experientes. Foi participando desse coletivo, que Ju Lauriano teve a ideia de reunir essas seis bailarinas com os bailarinos da Roda Mundo Cia de Dança. O objetivo era o de fazer um grupo forte que tivesse repercussão e pudesse explorar o potencial turístico da região.

Ju retornou a Porto Velho no mês de maio para resolver pendências particulares e aproveitou para encontrar com o coreógrafo da Roda Mundo para lhe falar sobre sua ideia. A decisão de mudança não era tão simples, também porque o convite se direcionava apenas a uma parte do elenco masculino, ou seja, uma outra parte e todo o elenco feminino iriam permanecer em Porto Velho.

A proposta foi passada em reunião para toda a Companhia, e depois de muito discutir, foi chegado ao consenso de que o melhor seria sair de Porto Velho, rumo a Santa Catarina. Vale dizer que

¹² Fundou a Cia Gaya de Dança em 1991, Balneário Camboriú. Fundou o projeto Danser em 2016, para crianças e jovens de baixa renda moradoras de Niterói (RJ). Nele, atua como coordenadora e professora de ballet clássico. Fonte: <https://br.linkedin.com/in/marcia-saban-0077b083>. Acesso em: 13 jun. 2021.

¹³ Adriana Regina Alcântara é coreógrafa, professora e proprietária do Studio de Dança Adriana Alcântara, localizado em Balneário Camboriú (SC), atualmente uma escola de referência e excelência em diversas modalidades de dança no município e estado de Santa Catarina. É graduada em pedagogia pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI e Pós-graduada em Dança Cênica com especialização no Jazz Dance pela Uni. Fonte: <http://www.mapacultural.sc.gov.br/espaco/637/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

quando foi feita, a proposta inicial consistia também na contratação de trabalho de alguns bailarinos como garçons em uma churrascaria de Balneário Camboriú, para que pudessem sobreviver nos primeiros meses, sem passar necessidades. No entanto, a churrascaria que daria apoio ao grupo pegou fogo, foi totalmente destruída e não pôde mais arcar com o compromisso assumido. Esta notícia veio como uma bomba, como um banho de água fria no elenco que estava preparado para partir. Nós já tínhamos começado a preparar nossa viagem, fomos atrás de meios para conseguir as passagens através do governo estadual, fizemos apresentações para angariar fundos para as despesas, enfim, tudo estava pronto, só faltava receber as passagens e, então, partir. Agora a situação pedia uma nova decisão: ir assim mesmo, sem nenhuma segurança, nem de um lugar para ficar, ou esperar por novas condições que não se sabia quando poderiam vir?

Naquela situação todos foram unânimes em querer tentar uma nova vida e, sendo assim, em julho de 1991 deixamos a cidade de Porto Velho (aquela em que a maioria de nós nasceu ou morou por longo tempo), nossas famílias e amigos, e partimos para o outro lado do país, esperançosos na busca por um sonho: viver da dança. Éramos em dez bailarinos - Boy Leones, Chagas Peres, Geomar Amorim, José Guimarães, Mardônio Brito, Mário Jorge, Oscivaldo Machado, Sola Silva, Thurbo Braga e Waldir Coral, junto ao coreógrafo Kidd Souza. Saímos todos do terminal rodoviário no início da tarde de segunda feira e chegamos em Balneário Camboriú na madrugada de sexta feira, pois naquela época viajar era mais difícil que nos dias de hoje, com estradas e acessos piores, além dos ônibus serem mais lentos¹⁴. Avião era uma alternativa impossível para um grupo sem poder aquisitivo.

Chegando em Balneário Camboriú, fomos morar em uma casa de excursão muito comum na cidade naquele tempo¹⁵, sendo que no primeiro mês o aluguel foi pago por Ju Lauriano. Por um mês tínhamos onde ficar, e imediatamente começamos as atividades de aulas e ensaios, na busca de produzir material com o grupo de bailarinas catarinenses.

Dentro da sala de aula tudo ia bem, as aulas da professora Márcia Sabam entusiasmavam o grupo, que estava ansioso por absorver conhecimento. O repertório da Roda Mundo Cia de Dança foi passado para o elenco das bailarinas catarinenses, que também estavam estimuladas. No entanto,

¹⁴ Atualmente essa mesma viagem dura três dias.

¹⁵ Neste momento, início da década de 1990, muitas das casas da cidade de Balneário Camboriú permaneciam fechadas no inverno. Por ser uma cidade turística de praias, normalmente as casas só abriam para receber seus moradores em férias ou para aluguel no verão. No inverno, alguns proprietários alugavam suas casas por valores mais acessíveis. Hoje a realidade da cidade não é mais esta, apesar da população da cidade continuar aumentando na temporada do verão, sendo então visitada por mais de um milhão de pessoas.

passaram-se as semanas e as dificuldades extras sala começaram a afetar negativamente os bailarinos rondonienses.

Ju era a pessoa que buscava patrocínios ao grupo. Conseguiu, inclusive, garantir moradia por meio de apoios, contudo, os empresários ajudavam por um tempo limitado e as contrariedades seguiam aumentando. Para começar, alimentar onze pessoas é um gasto considerável, e não havia uma fonte de onde retirar esse dinheiro. Ou seja, não tínhamos como nos alimentar direito, pois as buscas por patrocínio não davam resultado. A academia Gaya, local onde fazíamos as aulas e ensaios, ficava na Barra Norte da cidade e nós morávamos na Barra Sul, sendo assim, era necessário atravessar a cidade de uma ponta a outra todos os dias, com fome e, também, com frio. O frio é um caso à parte, pois com exceção de Kidd que era mineiro, nós não tínhamos a mínima noção de como fazia frio nessa região. O máximo de frio que já tínhamos sentido em Porto Velho era algo em torno de quinze graus, quando muito e de modo raro. Estávamos acostumados, portanto, a um calor de trinta e cinco graus durante o ano inteiro. Aquele frio era desesperador, não estávamos preparados, não tínhamos cobertores para dormir, não possuíamos roupas adequadas para vestir nem fazer aulas. A falta de trabalho e dinheiro persistiam. A fome e o frio eram inimigos implacáveis, e foi aí que aconteceu o primeiro grande golpe: com apenas um mês na cidade, dois bailarinos Boy Leones e Thurbo Braga resolvem voltar para Porto Velho. O retorno causou desânimo e dúvidas no restante do elenco.

Chama atenção que tempos depois, os dois bailarinos retornariam à cidade de Balneário Camboriú para viver da dança. Em entrevista, Boy Leones¹⁶ declarou porque retornou a Porto Velho e, mais tarde, a Balneário Camboriú:

[...] voltei por causa da adaptação, não consegui me adaptar ao clima, ao local, então retornei para Porto Velho, fiquei dois anos lá. E depois voltei para Balneário de novo porque já tinha uma segurança maior, um local para trabalhar com dança e essa segurança me fez retornar. (ASSIS, 2021)

Já Thurbo¹⁷ justifica seu retorno a Porto Velho por sentir falta do

[...] lugar, amigos e família, isso influenciou muito no meu retorno para lá, porque foi impressionante o quanto foi difícil ficar longe da minha família, dos amigos, do meu lugar. Foi muito difícil cortar o cordão umbilical, mas com o tempo sentei fiz uma reflexão, pensei "isso foi o que eu sempre quis da minha vida, se eu voltar para cá eu vou jogar meu sonho para o alto, será que vai valer a pena?" Dez meses depois eu já estava retornando para Santa Catarina. (BRAGA, 2021).

¹⁶ Entrevista concedida por ASSIS, José das Graças Leones de. Entrevista 8 (mai. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (19 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A. Na sequência da pesquisa todas as falas do entrevistado serão identificadas pelo seu sobrenome e ano de entrevista: ASSIS, 2021.

¹⁷ Entrevista concedida por BRAGA, Amarildo Oliveira. Entrevista 3 (abr. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (31 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A. Na sequência da pesquisa todas as falas do entrevistado serão identificadas pelo seu sobrenome e ano de entrevista: BRAGA, 2021.

Durante os meses seguintes não ocorreram mudanças significativas, continuávamos sem conseguir nos alimentar direito, ficávamos mudando de casa e dependendo da ajuda de pessoas solidárias para sobreviver. Ainda assim conseguimos manter o grupo por um tempo, realizamos algumas apresentações remuneradas e utilizamos os cachês para comprar comida que durava poucos dias. Nessas condições buscávamos dar continuidade aos trabalhos da Roda Mundo Cia de Dança, esporadicamente realizávamos as apresentações que surgiam.

As dificuldades continuavam, e a esperança foi diminuindo, um a um os membros da Roda Mundo Cia de Dança foram desistindo e voltando para Porto Velho, cada um legitimado pelo desgaste que os obstáculos vividos produziam em nossos corpos sofridos e já bastante cansados, sendo que a falta de perspectiva potencializava ainda mais essas sensações. À medida que ocorria uma desistência, os desentendimentos internos aumentavam, os professores/coreógrafos não se entendiam mais: Márcia Sabam decide retornar para o Rio de Janeiro, sua cidade natal, e Kidd Souza resolve ir para Curitiba. Neste momento, novembro de 1991, a Roda Mundo Cia de Dança encerra-se oficialmente. Dentre os onze artistas que iniciaram aquela jornada, apenas quatro bailarinos restaram: Mário Jorge, José Guimarães, Sola Silva e Waldir Coral, autor desta escrita.

Mário Jorge comenta que sofreu grande impacto com o final da companhia. Declara:

[...] impactou muito, porque eu não aprendi apenas a dança, mas tudo em termos de educação, como se expressar, como falar, não foi só a arte em si, eu aprendi muita coisa na dança, no grupo com o Kidd. Então eu fiquei muito sentido, mas eu não podia me entregar, precisava dar continuidade, e foi o que fiz. O grupo foi para mim extremamente importante tanto artisticamente como pessoalmente, na minha formação como pessoa e ser social. Eu agradeço muito ao Kidd porque ele me ensinou praticamente tudo, porque eu era uma pessoa muito crua e ele me ensinou a ser além de artista, um cidadão. (LIMA, 2021)

Na visão de José Guimarães¹⁸ (2021), a maioria das pessoas que viajaram para dar continuidade ao grupo em Santa Catarina partiu com a ideia "de se não der eu volto, tenho minha família". Ele considera que alguns bailarinos "não estavam realmente dispostos a lutar, tanto é que a maioria voltou, e ficamos só em quatro".

Sola Silva¹⁹ (2021) avalia:

¹⁸ Entrevista concedida por GUIMARÃES, José. Entrevista 9 (abr. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (31.27 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A. Na sequência da pesquisa todas as falas do entrevistado serão identificadas pelo seu sobrenome e ano de entrevista: GUIMARÃES, 2021.

¹⁹ Entrevista concedida por SILVA, Ricardo Ferreira da. Entrevista 7 (mai. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (44.43min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice A. Na sequência da pesquisa todas as falas do entrevistado serão identificadas pelo seu sobrenome e ano de entrevista: SILVA, 2021.

Eu acho que o grupo teve o início do fim já em Porto Velho, quando uma parte foi deixada para trás, pessoas que tinham os mesmos sonhos que nós. E depois todas as dificuldades que passamos quando chegamos em Santa Catarina, não era para todo mundo passar fome, frio, não ter onde morar, o que comer, dependendo de caridade das pessoas, ficar sem dinheiro, em outro estado. Mesmo que seja no Brasil, mudar do Norte para o Sul foi um baque muito forte, sair do calor totalmente despreparados para o frio que encontramos, acho que tudo isso foi fazendo o pessoal desistir e voltar.

Quanto a mim, o quarto remanescente, acredito que vários foram os motivos que levaram ao fim do grupo: primeiro, a falta de planejamento, e por consequência todas as dificuldades que encontramos ao chegar em Balneário Camboriú bem no meio do inverno. Acredito que em um primeiro momento nós quatro, bailarinos que permaneceram no Sul, aceitamos muito bem o fim da companhia apesar de tudo, e resolvemos dar continuidade a busca por nosso sonho. Fazendo do fim um novo início, nos tornamos protagonistas da nossa própria história na dança.

Assim foi. Com a proximidade do verão, aqueles quatro bailarinos, juntamente com quatro bailarinas catarinenses que desejavam continuar dançando, resolvem manter-se unidos e produzindo. Prosseguiu-se assim por algum tempo, até cada um seguir seu próprio caminho e construir sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo de atuar profissionalmente na área da dança sempre foi decisivo no traçar dos meus passos. As memórias vivas, vividas e revividas no decorrer desta pesquisa e escrita, revelaram-me o peso de minhas escolhas, desde o momento em que decidi deixar para trás um emprego e um futuro seguro, porém nunca almejado, para seguir um caminho desconhecido. Sempre senti que a dança era o meu propósito e, por isto, com 21 anos deixei minha família, cidade, emprego e amigos para embarcar rumo a concretização de meu sonho. Hoje, passados trinta anos, juntamente com meus quatro amigos da Roda Mundo Cia de Dança que permaneceram até os dias de hoje em Balneário Camboriú dando continuidade às carreiras artísticas, seguimos atuantes no cenário da região.

Waldir Coral é professor de dança no Studio Adriana Alcantara e diretor/coreógrafo da Waldir Koral Cia de Dança desde 2009. Thurbo Braga dirige a Milenium Companhia de Dança desde 1997. Rick Silva é coreógrafo da Cia Tumbao em Buenos Aires desde 2010. José Guimarães pertence ao elenco da Waldir Koral Cia de Dança desde 2009 e coreografa para festas de aniversários e casamentos. Boy Leones é professor do Studio Adriana Alcântara desde 1995 e ministra aulas também no colégio Visão na cidade de Camboriú.

O ser artista sempre esteve e sempre estará impregnado no meu DNA, não tendo como separá-lo das demais funções exercidas. A dança me oportunizou e trouxe experiências para minha formação profissional, talhou-me como indivíduo e ser social, abriu portas, me levou a ambientes diversos, enriquecendo e contaminando este ser dançante, este corpo sujeito que dança.

Sinto-me agora estimulado e comprometido com a pesquisa, acreditando no seu valor histórico, artístico e pessoal, não só para mim ou meus amigos, mas para todos que gostam de dança e querem conhecer um pouco mais sobre as suas histórias. Acredito que a Roda Mundo Cia de Dança teve uma importância muito grande não só na minha vida, mas na vida de todos os participantes da pesquisa, e na vida de outros que por ali passaram. Todos os entrevistados foram unânimes em frisar que os ensinamentos recebidos são utilizados até hoje em suas vidas, não só por aqueles que se mantêm atuando em dança, mas também por aqueles que se afastaram dela.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica in: Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, n. IX, 2003, Pelotas. **Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, Pelotas 2003, p. 79-95

ASSIS, José das Graças Leones de. Entrevista 8 (mai. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (19 min).

BRAGA, Amarildo Oliveira. Entrevista 3 (abr. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (31 min).

CUNHA, M. T. S. Memória, história, biografia: escritas do eu e do outro, escritas da vida. In: Pereira, R.; Meyer, S.; Nora, S. (Orgs.). **História em Movimento: biografias e registros em dança**. Joinville: 2008. p. 22-33.

GUIMARÃES, José. Entrevista 9 (abr. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (31.27 min).

KARSBURG, Alexandre. et al. **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LAURIANO, Juraciara de Lima. Entrevista 1 (abr. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (55.32 min).

LIMA, Mário Jorge Pereira. Entrevista 5 (mai. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (17.26 min).

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História (PUCSP), São Paulo, n.10, dez. 1993.

Porto Velho. **In Britannica Escola**. Web, 2020. Disponível em:
<<https://escola.britannica.com.br/artigo/Porto-Velho/483481>>. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escalas ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n 45, p. 434-590, set/dez. ano 2010.

SILVA, Ricardo Ferreira da. Entrevista 7 (mai. 2021). Entrevistador: José Waldir Coral dos Santos. Balneário Camboriú, 2021. 1 arquivo. Mp4 (44.43min).

VILELA, Lilian Freitas. **Uma vida em Dança**: Movimentos e Percursos de Denise Stutz. São Paulo: Annablume editora, 2013.

_____. Histórias de vida em dança. In Xavier, Jussara; Cesar, Marta. (Orgs.). **Múltipla Dança Festival Internacional de Dança Contemporânea**: 10 anos em Encontro, Florianópolis, 2020. p. 146 – 160.